PARANÁ I MARÇO DE 2011 I EDIÇÃO 07

Assionara Souza
Ricardo Novais
Claudio Parreira
Gabriela Lopes

RelevO

Daniel Zanella
Alexandre Costa
Evelyn Bueno
Guilherme Ribas

Fotos: Renato Murakami

Editorial

"Ai do autor que sempre quer instruir. O segredo de entediar é o de dizer tudo".

Voltaire,
em *VI Discursos em Versos Sobre o Homem.*

Não é de hoje que as relações entre os departamentos de publicidade e os núcleos editoriais são conflituosas. As fronteiras entre a informação e o comercial são ruidosas, confusas, sem fronteiras, mixadas. Em editoriais anteriores, o Relevo se comprometeu a não enveredar pelo caminho confortável da propaganda estatal. Dois motivos principais: não acreditamos que o dinheiro público deva ser investido em nossas páginas. Há outras e fundamentais prioridades. Segundo: não queremos nos submeter ao jogo político, nem passar por incertos constrangimentos. Por isso, buscamos parcerias na iniciativa privada e arcamos com as dificuldades dessa decisão - um impresso em construção com naturais dificuldades orçamentárias. Temos plena convicção de qual caminho pretendemos trilhar. Abriremos espaço para todo e qualquer anunciante que enxergue o nosso periódico como um espaço de agregação de valor e buscaremos abrir nossas páginas à maior variedade possível de cronistas, sem distinção. Publicaremos todo tipo de texto, mesmo aquele que, porventura, contenha algum tipo de crítica a um anunciante nosso. Separamos nossos modestos departamentos afim de explorar outras vias. Porque é quase desnecessário dizer que quem realmente importa nessa história toda é o leitor. Uma boa leitura a todos.

"Sobre o Football"

Esta minha mania de seguir coisas de *football* estava a fornecer-me tão estranhas sensações que resolvi abandoná-las. Deixei de ler as as seções esportivas e passei para as mundanas e para as notícias de aniversário. Mas, parece, que havia algum gênio mau que queria, com as histórias de *football*, dar-me tenebrosas apreensões.

Lima Barreto

Expediente

Edição e Diagramação: Daniel Zanella
Diretor Comercial: Marcos Monteiro
Impressão: Gráfica Helvética
Tiragem: 2000
Edição finalizada em: 05 de março, 20h

Contato

Jornal Relevo no Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com

O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Colaboradores

Marcos Monteiro
Cursa 3° período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Daniel Zanella
Cursa 3° período de Jornalismo na UP. Integra algumas coletâneas por editoras independentes e publica suas crônicas no endereço letrasnumcanto.com.br

Ulisses Malanski
Artista plástico curitibano, licenciado em Desenho pela Embap. Dedica-se à criação de efeitos sonoros e pedais de guitarra. Suas composições podem ser ouvidas em myspace.com/paoecirco

Sabrina Lopes
Escritora curitibana dedicada à dramaturgia e mestranda em Estudos Literários pela UFPR. Publica seus textos no endereço sabrinalopes.wordpress.com

Assionara Souza
Nascida em Caicó (RN) e radicada em Curitiba, leciona Literatura Brasileira e Produção Textual e é mestranda em Estudos Literários pela UFPR. É autora de Cecília Não É Um Cachimbo (2005) e Amanhã, Com Sorvete (2010), ambos pela Editora 7Letras. Publica seus textos inéditos em livro no endereço cecinest.blogspot.com

Guilherme Ribas
Engenheiro eletricista curitibano. Trabalha também no mercado financeiro.

Claudio Parreira
Escritor e chargista. Colaborou com a Revista Bundas, O Pasquim 21, Caros Amigos on line, Agência Carta Maior, entre outras publicações. Integrou diversas antologias e integra atualmente o coletivo literário O Bule. Também publica seus textos no endereço claudioparreira.blogspot.com

O BULE

Ricardo Novais
Escritor paulista. Publicou O Boêmio (2010), Trem Noturno (2010) e Perfumes da Pátria (2011), todos pela Editora Bookess. Integra atualmente o coletivo literário O Bule. Também publica seus textos no endereço blogdoricardonovais.blogspot.com

Evelyn Bueno
Cursa 5° de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o Lona e publica seus textos no endereço meu-suin.blogspot.com

Alexandre Costa
Professor de filosofia nascido em Lajes (SC) e radicado em Araucária (PR). Publica seus textos no endereço xandao.tumbl.com

Renato Murakami
Cursa Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos e fotografias nos endereços xspblog.com e immalion.com

Entrevista

Daniel Zanella

Trechos da entrevista concedida ao jornal, 30 de julho de 2010.

Aversão a entrevistas.

Não é uma especulação infundada. Não gosto. Entretanto, aversão não é a palavra mais adequada. Não me adoeça. De fato, o pouco que tenho a dizer está encerrado no que escrevo. Tenho uma voz rouca que ainda reverbera minhas leituras de cabeceira, ainda sou um compêndio de referências bibliográficas, uma tipificação de mortos na sala de estar. Escritor deve escrever, tão somente.

Mas você está me concedendo essa entrevista.

É...

Por que escrever.

Não tenho algo relevante a dizer sobre isso. Posso dizer sem nenhum ineditismo que o instante existe e é preciso capturá-lo, há um contrato de forças equivocadas em prol de algo ainda mais carregado de misticismo – ao que chamam literatura – e alguém precisa descrever esse brinco de pérolas que realça seus olhos.

Por que a crônica.

Porque gosto de mentir apenas aquilo que suponho que vejo. Além do que, tenho uma natureza superlativa de sérios contornos narcisistas e um imenso amor por tudo o que emana do comum.

Coletâneas / Livro-solo.

Não compactuo com o desperdício de papel. Não tenho cem páginas de escritos devidamente meus. Talvez não tenha sequer uma página realmente própria. Essa é a minha sina.

Foto: Renato Murakami

Relicário afetivo.

O que?

Relicário afetivo de seus textos.

Vejamos:
Sofia / Era Uma Vez – A Filha Que Ele Quer Ter – Gafanhoto Roxo / João É Um Vidro / Gabriel

Gosto muito de escrever sobre crianças e de compartilhar meus sonhos, mesmo reconhecendo o risco iminente do ridículo. Acredito muito na poesia que não sei fazer.

A Morte e A Morte de Um Cachorro / Recenseamento de Um Campo – Missi / A Loja de Passarinhos / Nhonho / Margô

É preciso espiar o berço familiar, aprecio o constrangimento implícito nisso, a incomunicação, o que os animais dizem sobre nós mesmos. Edite isso depois, por favor.

Drinking Again / É Necessário Estar Sempre Bêbado / Eu Tenho Que Ir Pra Rua / Fumaça

É necessário beber, não?

Breve Relato de Uma Despedida – Até Logo / As Curvas Líricas do Copo Muito Fundo

Ninguém precisa de explicação pra escrever de amor. Ou da ausência de.

Suas crônicas permanecerão?

Se eu morresse hoje, não. Mas tenho algum tempo.

Nós, não.

Tudo bem.

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

No Mundo do Consumo.

Sabrina Lopes

Pois bem, eu tive inflamação no ciático. Antes disso, já havia conquistado, com meu estilo de vida, problemas sérios nos joelhos, e mesmo assim treinava kung-fu de sapatilha (que tem mais jeito de figurino chinês). A batalha com meu senso estético durou uns 10 meses, até eu conseguir comprar um tênis* com amortecedor.

Abro a caixa. Comprei uma coisa esquisita, vou usar em casa pra me acostumar. Olho para o tênis: vou conseguir calçar isso? Dez minutos depois, saltando pela casa de tênis e roupão, não sei como vou conseguir usar chinelos novamente.

Um amigo, que pensa como eu, condescende: tecnologia é bom às vezes, né?

E aí é que eu me toco: além de ser feio, é um calçado desenvolvimentista.

E combina com meus cabelos grisalhos. Daqui a um tempo, vai combinar também com meu primeiro agasalho amassadinho violeta. E daí?, o diabo canta,

O que a vontade quiser,
quanto o corpo desejar,
tudo se faça;
zombai de quem vos quiser
repreender,
querendo-vos marteirar
tão de graça.

Só que eu, virtuosa, leixa-me!, e prossigo com as sandálias baixas que combinam com minhas roupas. Nesse momento, elas estão no armário da academia – outra mudança que o ciático operou em minha vida. Eu, no chuveiro, formulo um conto ("a pele de miracle baby") sobre uma vamp esporádica de recursos limitados. Ainda que tenha uma dúvida técnica, o conteúdo sobre o qual me debruço combina com o momento. Estou entre a forma elegante:

A semana toda, o hidratante esverdeado espesso como argamassa, mas nas sextas, Victoria's Secret.

E usar a pontuação pra reforçar o efeito cômico:

Todo dia o hidratante esverdeado com a densidade da argamassa. Mas nas sextas: Victoria's Secret.

Sou uma natureza indomável que lê o famoso ensaio sobre reticências e passa dias com vontade de usá-las em todo tipo de teste.

Ainda com a mochila da academia, paro no sacolão. Tinha pegado cinco reais pra comprar batatas, mas topo antes com uvas pecaminosas. Pego uma linda bandeja. Talvez por influência da trilha sonora, meus dedos raspam o filme com vontade de rasgá-lo, derrubando e cheirando as uvas, evoé!, manchando todo o lugar.

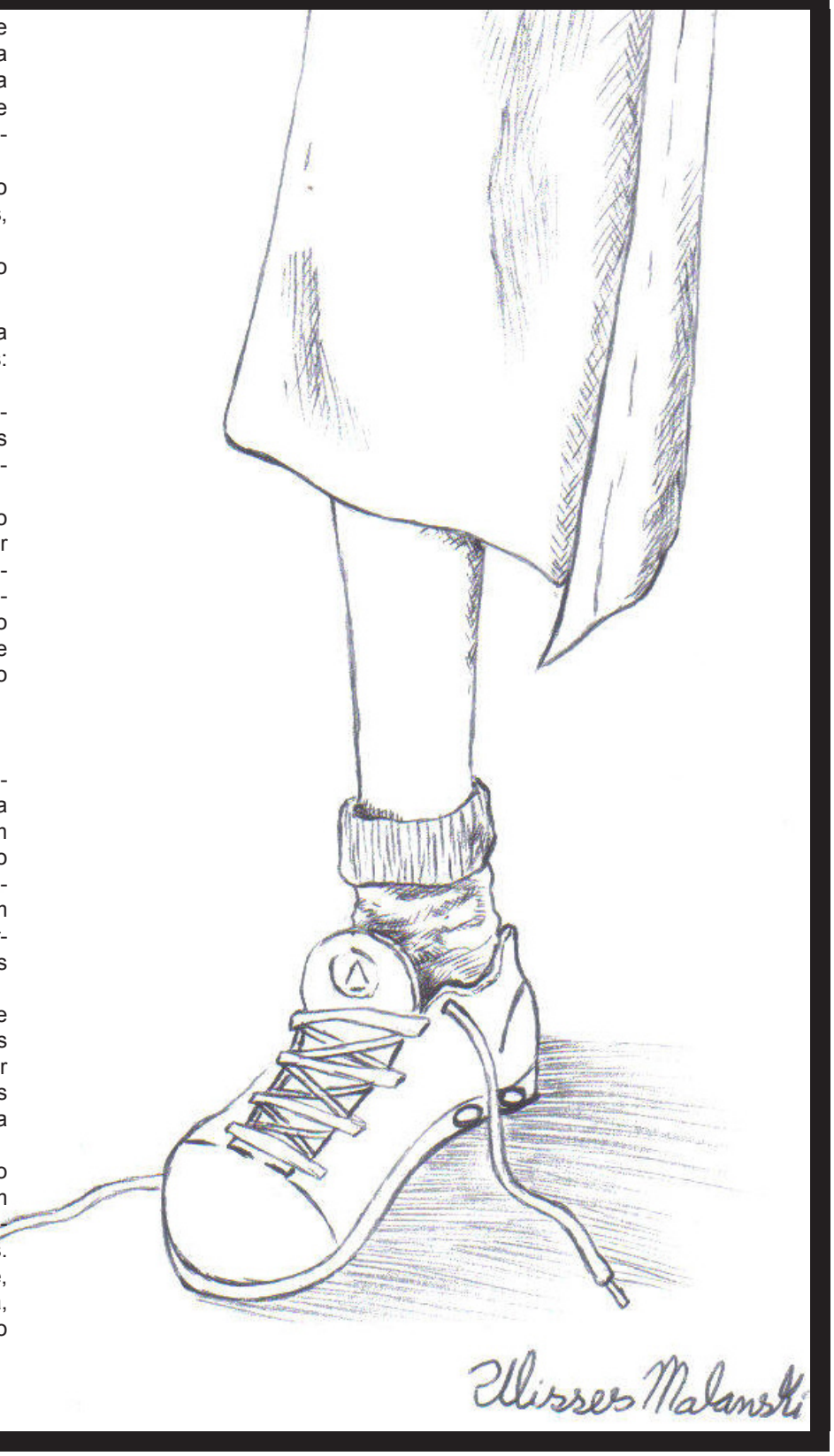
Me joguei no chão
da sala de estar...

Depois de encher uma sacola de tubérculos, encontro outra variedade, alguma coisa como batata yoqui. Noto que deve ser um cultivo indígena durante muitos anos deixado de lado pela grande produção. Minha formação esquerdista logo vem à tona e agarro um exemplar – confesso que o menos sujo de terra – pensando "batata yoqui, patrimônio dos povos". E com isso já estou na fila do caixa.

Então lembro que estou com cinco reais, e devolvo a yoqui. Além disso, por que diabos peguei uma bandeja de uva, ao invés de fazer a colheita a granel? O mundo precisa de mais isopor? Mas um cálculo me detém: voltar para o final da fila?

Talvez esse ar calculista tenha me dado uma aparência distinta. Ou a mochila com maiô molhado, coisa do jet set. Ou é dó? A caixa me deixa ir embora devendo 20 centavos. Coloco a bandeja de isopor na geladeira, e, antes de derramar a batata do sistema na pia, dou uma ajeitadinha no adesivo ecologista do azulejo.

* o tênis, por supressão = o par de tênis



Laura

Acesse o-bule.com

Claudio Parreira

Não importa, eu vou. Escalando as costas da tarde, que se precipita feito uma flecha em direção ao depois.

Porque assim tem sido desde sempre: logo cedo a questão me abraçou: você escolhe entre voltar, permanecer ou seguir. Não aprendi a voltar; permanecer é doloroso. Seguir, portanto. É o que tenho feito.

Cada segundo traz nos bolsos o mistério. A aspereza do oxigênio. O suor em chamas. O nome dela é Laura.

Foi num sonho. Laura era um susto. Não pude ver o seu rosto, o seu corpo. Névoa de sono. Mas sim, os sentidos todos apontando pra ela, a mulher.

Quando acordei toda a cama era um oceano. Peixes transparentes no ar. Na boca um gosto amargo de estrelas. Laura era fiapo de sonho, impalpável, mas já existia em mim.

Daí todos os meus dissabores.

- Laura, foi quando eu suava labaredas. No sonho, ela estava no sonho. Viu ela por aí?

Riam de mim. Esse o mal das pessoas: ninguém acredita nos sonhos alheios.

Minha única certeza era uma só. Nunca no meu passado, no meu presente de maneira confusa. Só depois, talvez. Laura só no futuro.

Por isso escalo os calendários com a determinação de um condenado. Não me cabe permanecer aqui. O desespero é hoje, nunca ontem. O sofrimento é agora.

Longa a estrada. Os gatos no caminho. Uma conversa esclarecedora.

- Não sei como ela é – dizem os gatos –, mas tenho amigos que moram lá, no depois. Falam de Laura, Lauras. Depois é cheio de Lauras.

Suspeito, portanto, de que estou no caminho certo. Um homem que acredita na palavra dos gatos. Talvez por escrever.

As primeiras letras também foram difíceis. Difícil subir ao caderno, acomodar-se às dobras das sílabas, domar consoantes. Porque no princípio toda palavra é vertigem. Como as mulheres. Desconhecido azul.

O rigor. Porque as palavras fogem à falta de rigor. Precisam de um braço para contê-las. De maneira que o meu aprendizado com as mulheres começou com as palavras.

Mas eis que agora me vejo aqui sem nenhuma delas. Há tempos não escrevo uma mulher. Laura é sabedora da minha condição. Por isso veio no sonho. Vapor-mulher, a direção que faltava aos meus pés.

Quanto mais avanço menos gatos eu vejo. Os poucos que ainda restam temem falar. Depois é um território nebuloso, eu sinto. Só os gatos mais corajosos chegam lá. Só os homens mais corajosos se dispõem a chegar lá. Depois. Laura não está. Laura é lá.

Econômica a minha paisagem. Uma estrada, só, uma tempestade de girassóis do lado direito, do esquerdo os cardumes: peixes azuis amarelos pretos, tantos peixes – e não dão a mínima para os gatos.

- Não como os peixes sonhados pelos homens – diz um gato amarelo. – Não tenho essa capacidade.

Sonhos particulares. Cai por terra a minha teoria de que os sonhos pertenciam a todos. Não pertencem aos gatos, pelo menos.

- Os nossos são de outra natureza – dizem os gatos verdes. – Basta um sonho de gato para o seu mundo sair do eixo.

O meu mundo saiu do eixo desde que sonhei com Laura. Seria o meu, então, um sonho de gato?

- Só um gato sonha sonhos de gato – dizem os gatos azuis. – Eis aí uma questão a ser considerada.

Vejo Laura pela primeira vez, finalmente. Está ao alcance da minha mão. E ela não é mais névoa, nem sonho.

- Mas você não pode me tocar – ela diz, o sorriso tranqüilo no rosto.

Estendo meu braço e o que encontro na extremidade é uma pata de gato. Meu braço é um gato. Eu sou o gato.

- É por isso? – protesto. – Não sou um gato, não era até há pouco. Estou gato, e isso é diferente!

Laura sorri. Todo o meu trabalho foi inútil. A minha caminhada. Malditos gatos! E agora de nada me adiantam as palavras, são vento.

- Tanto faz pra mim se você está gato ou elefante – ela diz, a voz serena. – Você nunca vai me alcançar.

A tempestade de girassóis. Os cardumes. Laura é o caos.

- Agora – diz Laura, os lábios sorrindo sílaba por sílaba. – Você é agora. Percebe?

Nenhum gato mais. Somos apenas eu e ela.

- Eu sou agora.

- E eu, depois – ela diz.

- Por mais longe que eu vá, serei sempre agora.

- Depois é a minha maldição.

O universo tem essas cápsulas que separam as coisas, as pessoas. Não posso alcançar o ontem.

Laura é névoa mais uma vez. Sempre será. Mas não aprendi a voltar; permanecer é doloroso. Sigo, portanto.

Não me importo, Sou de São Paulo dos vigaristas

Acesse o-bule.com

Ricardo Novais

Não me importo com nada. Nem com esta cidade, nem com os problemas de meus vizinhos e nem com o que dizem as línguas dos queixosos do metrô. Eu sei que todo habitante de São Paulo reclama da cidade, jura que não a tolera mais e que irá abandoná-la na próxima estação. Eu sei, mas não queria saber. São poucos os que verdadeiramente deixam a megalópole, e são muitos os que chegam trazendo os seus sonhos de vida de fruto – ou fruto de vida, dá no mesmo porque tudo é a mesma secura que busca a chuva abundante. A garoa que cai incessante embaça a visão, e uma visão ofuscada só vê o que quer ver. De longe, todos os paulistanos são ricos e elegantes; de perto, são pobres e humanos; depois que passam pela rua voltam a ser ricos e elegantes. A ilusão é ser iludido... Mas eu realmente não me importo com nada disto, não quero sair de meu confortável vício. Ora, leitor; assim é a cidade grande; um enorme emaranhado corrupto da vida, que ilude maltratando e enganando; e que, mesmo assim, tanto fascina...

.

Vivo nesta cidade, mas esta cidade também vive em mim; desde antes, desde a cidade antiga, da cidade que cheirava a cavalo, destruída pelo progresso, da velha Rua Quinze, tão afrancesada, com aqueles complexos trilhos dos bondes, de homens de chapéu e gravata borboleta, dos vaga-lumes e suas escadas de madeira ascendendo os lampiões públicos no finalzinho da tarde; e se a garoa ainda é quase a mesma, agora sinto falta das íntimas calçadas de pedra que deram lugar a uma outra sociedade de sofisticados cafés, elegantes vestimentas. A cidade de agora é toda vertical, de gente de todas as idades e todas as cores; é uma Sampa high-tech dos diabos. Contudo, nada disto me interessa; meu compromisso com a história cosmopolita dos trópicos deixo em futuro.

.

E se esta gigante urbe Pauliceia ainda continua a ser minha edícula é porque, quando coloco os meus pés para fora do portão de minha casa, tenho vertigens. Vejo as ruas e é como se eu estivesse saindo do meu quarto para me reunir na minha sala de jantar com minha família. Uma família grande; oh, sim! Família de milhões de parentes que eu não dou a mínima. A única salvação é que não tenho como deixá-la, pois minha vida já está no meio de tudo. Sendo assim, nem ouso conjecturar, como os outros, em abandoná-la. A elegante senhorita leitora me entende, certamente; já que com ou sem amor, com sucesso ou sem nada, serei sempre um fruto verve desta nevrálgica terra. Paulistano! Paulista! Brasileiro! Italiano! Baiano! Puto! Sou tudo isto, exceto bandeirante. É que todas as minhas virtudes e todos os meus vícios foram formados no ânus do panorama desta vida urbana. Tenho um coração contraditório, como sabe; sou airoso, palpitante. Carrego em meu peito o doentio coração de São Paulo. E, sendo até repetitivo, digo que não me importo um nadinha com ele; nem cardiologista eu sou...

.

Nas madrugadas frias, tomo sopa no Ceasa; nas madrugadas quentes, fico bêbado em qualquer canto. Agora sou homem do asfalto recapeado, da poeira que cai em fachadas de prédios abandonados pelo tempo. Sou aquele mesmo cidadão da cidade grande de que se perde a cada esquina e que se acha mais à frente num beco escuro sob o vulto feminino trajado de vermelho... E como eu não me importo com nada nem com ninguém, ninguém nesta cidade também se importa comigo. Parecem-te cruel estas palavras, leitor? Perdoe-me, mas seja sensível o quanto quiseres que eu nem ligo. Apenas constato a minha sinceridade depois de ficar exposto à tempestade imponderável de verão. Se não crê no meu raio de realidade, meu amigo, então suba o Pico do Jaraguá, aonde todos os trovões do mundo se formam e todas as festas da chuva se originam em algum momento, e veja com seus próprios olhos, sempre embaçados pela garoa da ilusão, como um empurra o outro nesta cidade; às vezes empurram por volúpia, noutras vezes por delicada ideia de sucessão. Eis a minha Sampa dos vigaristas.

Caso Encerrado

Evelyn Bueno

Foto: Marcos Monteiro

"Acho melhor não mais". Você disse, tão frio e decidido. O que fazer quando se é tirado do lugar onde queria ficar, daquela situação que mesmo há pouco tempo fazia tão bem, tão feliz? A impossibilidade de dar certo e vir a ser algo muito maior e completo era irresistível. Engano meu, problema meu. Agora me vejo cheia de lembranças e um sentimento que não tenho onde por, que não tem culpa pela rejeição, pela troca. Quantas pessoas se veem assim? Com um coração batendo tão firme nas mãos, tão cheio de esperanças cegas. Penso que se tivessem me avisado antes como seria, eu burramente, mas feliz, o faria, tudo absolutamente como fiz. Talvez seja o céu daquele sábado ou aquele filme que tanto amamos, talvez seja o seu carro ou a sua língua, quem sabe o seu abraço e o seu carinho e massagem. Era você, era eu implorando que ficasse, implorando amor. Não quis, deu caso encerrado. Se o melhor remédio é o tempo, me vê uma dose dupla intravenosa, por favor.

Fétido, Pútrido e Carcomido

Alexandre Costa

parca, sobre as coisas. Trata-se de "perder o chão" que a imagem do "eu" representa.

Até hoje não consegui vencer esse medo, e desconfio que isso nunca vai acontecer. O máximo que posso fazer é repetir a minha experiência com os zumbis. A cada nova personificação de meu medo, tento encontrar um meio de vencê-la, seja ela zumbis, serpentes, aquele amor não correspondido, ou o que for.

Nem sempre é fácil, nem sempre é rápido, mas é o que me resta.

o de perder o controle, e, esse sim, é meu grande medo - desconfio que de todos -. Ser um zumbi significa vagar sem direção, sem consciência, apenas se movimentando (e devorando). Mais tarde tive medo de serpentes, medo de pessoas mais poderosas que eu, enfim, de uma maneira cada vez mais evidente, fui me deparando com uma série de imagens que representavam meu temor maior. Não se trata de apenas não saber o que fazer ou o que está acontecendo, mas sim de perder a possibilidade de realizar uma análise, mesmo que

após meus membros serem devorados. Pois bem, escatologias à parte, o fato é que depois de um tempo (e de muitas horas de filmes) comecei a controlar as coisas. Eu não era exatamente um matador de zumbis em meus sonhos, mas tinha maestria em técnicas de sobrevivência ao holocausto putrefato. Aos poucos, os zumbis deixaram de representar uma ameaça, na verdade, eu até me divertia com eles.

Hoje penso que a figura dos zumbis representava, na verdade, um medo muito mais profundo, a saber,

Sim, o que vou dizer pode ser algo muito idiota, mas não me importo.

Durante a minha infância, lembro que a primeira coisa que me fez sentir medo de verdade foi um filme sobre zumbis. Eu, publicamente, admito, tinha medo de zumbis.

Era comum eu sonhar que estava sendo perseguido por zumbis, o que me deixava simplesmente apavorado, pois, se fosse outro personagem dos filmes "gore", como o Jason Voorhees, por exemplo, eu saberia que a morte seria o fim, mas, com os zumbis, a agonia continuaria mesmo

Spleen

Assionara Souza

Foto: Renato Murakami

Não escreva sobre assuntos que eu não quero ler. Não escreva sobre suas sensações. Essa sensibilidade – ó, céus... Ontem, feri os olhos de um amigo com as minhas palavras. Sou tão inimiga da paz. Não escreva mais. Contenha-se em querer santificar os seus demônios; vê como eles saltam da epiderme? Vê como buscam pelas ruas alguma distração? E a boca expulsa aquilo de que o coração está cheio. Não, ainda não. Não repita as notícias dos jornais. Deixe em paz as letras. Não forme delas palavras inúteis. Ontem convenci uma prostituta a deitar comigo e assistir filmes antigos. Ela quis. Eu adormeci. Não diga. Não compartilhe. Evite as rimas na prosa. Ontem, dormi o dia todo. Isso já está tão batido. Só para provar a mim mesma o quanto são cansativas aquelas longas e entediantes conversas sobre arte e tudo o mais que se lê nos livros. Foi por isso. Os músculos flácidos e as estrias. Nela não havia. Era moça ainda e já tão cheia de marcas. Falava pouco. E emocionou-se logo de cara. Chegou aqui. Deitou-se não antes de perguntar se poderia lavar-se. Não gosto mais de mulheres. São cultas demais; quase sempre, castas demais e putas de menos. Prefiro as prostitutas. Prefiro os meninos machos intumescidos. Meu pai. Meus irmãos. Prefiro a minha mãe. A água alisou seu cabelo desceu pelas costas e a bruma do vapor desenhou uma silhueta esguia e triste. Prefiro as coisas que não exigem rituais. Mergulhei minha cabeça embaixo do chuveiro esgueirando-me para evitar molhar meu corpo enxuto. Senti um medo agressivo de ter o rosto rasgado por aquelas unhas abrindo caminho para sustentar o beijo. Teria ainda um gosto do último gozo aquela boca vadia e quente? Afundou a língua ávida para eu gostar da cura. E já ali, a mesma sensação de sempre. Não escreva o que não se pode prevê. O corpo branco envolto na toalha. Talvez tenha suspirado. *Você tem alguém? Algum irmão?* A porta do quarto fechada enquanto surgia na tela a moça da *Columbia Pictures Television*. Gosto de corpos sem palavras. *Nenhum. Ninguém*.Sem exibicionismos de linguagens. O silêncio tímido. As pernas abriram-se em ângulo submisso. *Não. Vamos ver o filme*. Deitei meu rosto sobre aquele seio azul e acho que sonhei sem legendas. Prefiro demais as coisas puras isentas de amor. Longe das métricas e dos vilancetes. Longe dos romantismos fingidos. E se ela sorria, muita era a paz da tarde.

A Cor da Cidade.

Guilherme Ribas

Jamais haveria consenso à pergunta: qual a cor de sua cidade? Ou, qual a cor de Curitiba? Cada indivíduo projeta sua vontade à sua realidade, projeta seus valores às imagens representadas, além de milhares de singulares características biológicas existentes em cada ser. Cada cérebro interpreta sinais sensoriais de forma diferente, cada sensor absorve e transmite de forma particular o mundo, a cidade. Enfim, haveria muitas respostas diferentes, e as que fossem diferentes da minha, não teriam valor algum – para mim.

Andando pelo centro percebi que há uma cor, uma tinta, um borrão comum que impregna prédios, ônibus, calçadas, vira-latas e pessoas. É uma mistura de pele decomposta, fuligem, gases, pêlos, escarros, comida, óleo, pedra, cigarro, fezes... Tudo reunido em uma só massa, uma poeira de uma cor, um cheiro, uma sensação. Seja a calçada branca ou cinza, seja o homem engravatado ou o rastejante mendigo, seja o Fusca ou a Ferrari, todos estão imersos nessa sujeira e se pintam dela. Todos respiram pedaços da pele de todos, todos estão mergulhados nas opiniões de todos. Essa cor não é apenas material, o povo que circula também a tonaliza. Dão à cor a "graça" da individualidade, da indiferença, da prepotência, do preconceito, da ignorância, da intransigência, da raiva... Pra mim, a cidade se pinta desta sujeira. De uma parte o gari dá jeito, mas a outra parte fica por nossa conta.

Foto: Marcos Monteiro

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES
Avenida Victor do Amaral, 342, Centro - Araucária (41)3642-1622